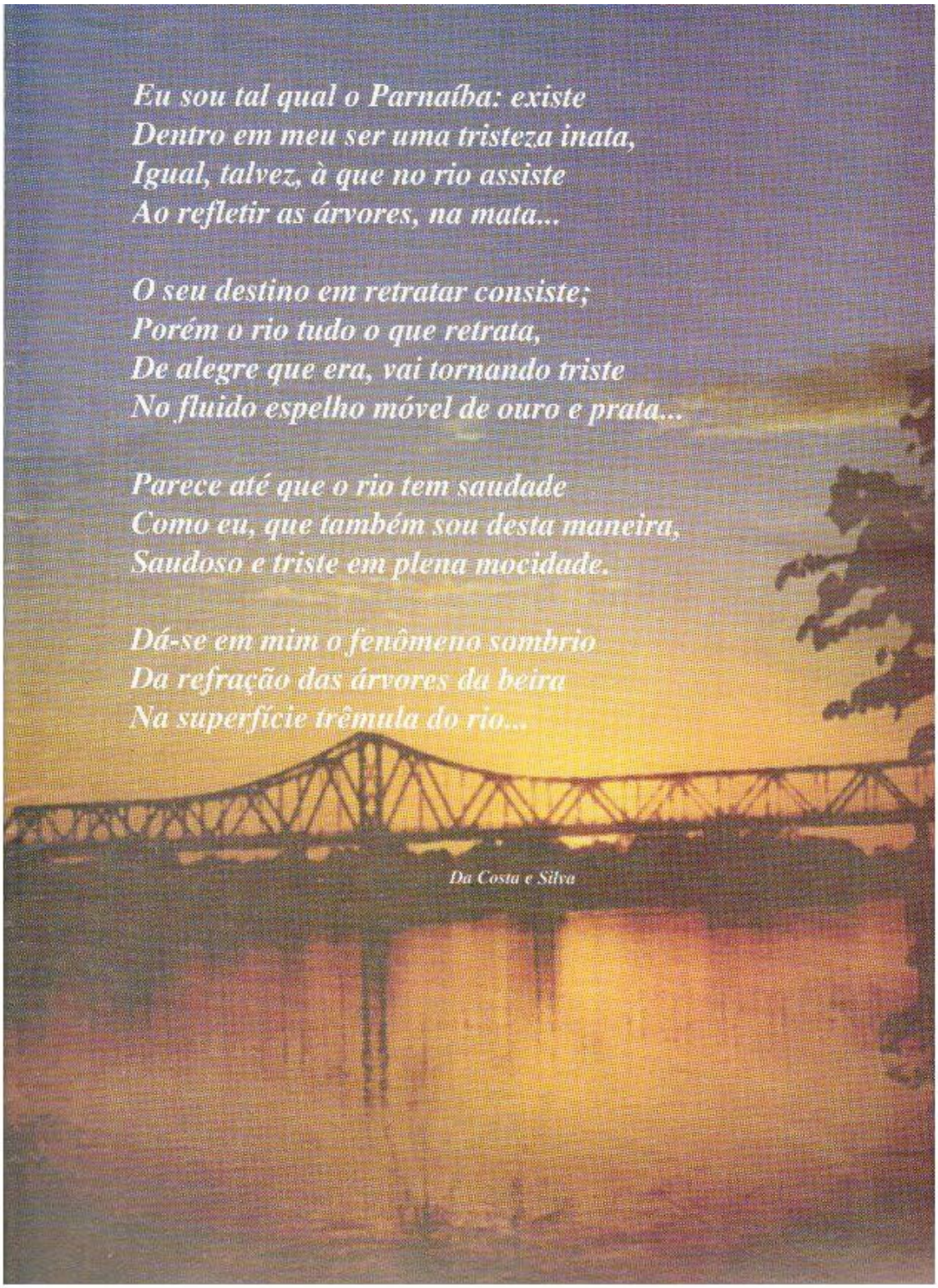
PRESENÇA

ANO XV - 27
ORGÃO OFICIAL DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA E DA FUNDAÇÃOESTADUAL DE CULTURA E DO DESPORTO DO PIAUÍ
TERESINA - 2000

EÇA E O PROBLEMA DO ESTILO

DA COSTA E SILVA CINQÜENTENÁRIO DE MORTE



Eu sou tal qual o Parnaíba: existe
Dentro em meu ser uma tristeza inata,
Igual, talvez, à que no rio assiste
Ao refletir as árvores, na mata...

O seu destino em retratar consiste;
Porém o rio tudo o que retrata,
De alegre que era, vai tornando triste
No fluido espelho móvel de ouro e prata...

Parece até que o rio tem saudade
Como eu, que também sou desta maneira,
Saudoso e triste em plena mocidade.

Dá-se em mim o fenômeno sombrio
Da refração das árvores da beira
Na superfície trêmula do rio...

Da Costa e Silva

CARO LEITOR

A CONTINUIDADE DA REVISTA

Sai agora o número 27 da revista **Presença**, uma das publicações que vêm adquirindo o mais alto crédito dentre as que são oficialmente editadas em nosso país, e que corresponde ao ano XV de sua profícua existência, a serviço da cultura piauiense.

Neste número de nossa revista, cujo lançamento foi programado para ocorrer no Dia da Cultura, a 5 de novembro, deverão ser mencionados alguns destaques especiais, quais sejam: o centenário de nascimento de Gilberto Freyre, o criador da moderna sociologia brasileira, em cuja homenagem foi programada, pelo Conselho de Cultura, a Fundação Estadual de Cultura e do Desporto e a Academia Piauiense de Letras, a realização de um seminário para a discussão de sua obra; o centenário do silêncio de Eça de Queiroz, criador do romance realista na literatura portuguesa; o cinqüentenário da morte do excelso poeta Da Costa e Silva, com a publicação da conferência proferida pela ilustrada Professora Maria Cecília da Costa Araújo Mendes, no Conselho de Cultura, a 29 de junho do corrente ano, como homenagem ao poeta; e, por último o relevo que aqui se dá, mais uma vez, à política de preservação de nosso patrimônio cultural edificado, com a publicação neste número do ensaio do arquiteto Olavo Pereira da Silva, ao fazer o resumo do inventário e cadastramento dos bens patrimoniais da capital e das cidades históricas piauienses: Oeiras, a antiga capital, Parnaíba, Piracuruca e Amarante.

Tal preocupação vem constituindo um dos maiores e mais constantes empenhos deste colegiado, sobretudo em sua última gestão, a partir da sanção da lei de preservação do patrimônio cultural do Estado (lei nº 4.515, de 9.11.1992), cujo anteprojeto foi elaborado e preliminarmente discutido no plenário do Conselho de Cultura.

Finalmente, há que mencionar um importante projeto constante da Agenda de Atividades Programáticas desenvolvidas pela Fundação Estadual da Cultura e do Desporto do Piauí, o **Boca da Noite**, que constitui matéria publicada no fecho da revista.

Tais atividades aqui registradas representam a participação do governo do Estado, por intermédio de seus órgãos de cultura, no sentido de dar vida e expressão mais alta às manifestações significativas de nossa cultura, no interesse de promover a elevação social, política e espiritual do povo piauiense.

A *Redação*

Cartas

Rio de Janeiro, 28 de março de 2.000.

MESTRE M. PAULO NUNES
M.D. Presidente do Conselho Estadual de Cultura (PI)

Por motivos de força maior só agora venho acusar o recebimento do excelente e luxuosa REVISTA PRESENÇA, de 26 de abril de 1999 - órgão de divulgação da Cultura do Piauí -, e que nos enche de orgulho a todos nós piauienses.

De impressão gráfica irretocável e belas fotos, como a do novo e restaurado Theatro 4 de Setembro, o que mais nos chamou a atenção e o interesse na REVISTA foi a primorosa seleção das matérias publicadas, entre as que destacamos IDENTIFICAÇÃO E PATRIMÔNIO NACIONAL (e sua Conferência), de Alberto da Costa e Silva, GARRET: O LIRISMO E A PAIXÃO, de M. Paulo Nunes; ODILON NUNES PRIMEIRO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO, de Wilson Carvalho Gonçalves e PEQUENA HISTÓRIA DE UM GRANDE CONSELHO, de Francisco Miguel de Moura - verdadeiras aulas de civismo, história e literatura que nos proporcionaram.

Aos referidos autores e demais colaboradores os nossos cumprimentos, que são de todos os amantes da leitura erudita, e que reconhecem a marcante presença da REVISTA no cenário cultural e artístico do estado e do país.

Aos editores e realizadores da REVISTA PRESENÇA nossos aplausos pelo bom gosto artístico demonstrado em sua paginação, haja vista a profusão de cores e desenhos adequados que, sem dúvida, despertam a atração e o interesse dos leitores.

Com admiração e respeito
João Evangelista Mendes da Rocha

SUMÁRIO

5 Da Costa e Silva
Cecília Mendes

21 Eça e o Problema do Estilo
M. Paulo Nunes

14 Machado de Assis e a Literatura Brasileira
Francisco Miguel de Moura

32 Giordano Bruno 400 Anos de falecimento
Melquisedeque Vieira

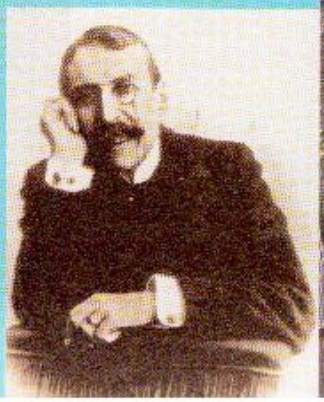
20 O Inventário de Proteção do Acervo Cultural do Piauí
Olavo Pereira da Silva

36 A Conquista da Amazônia
Dário M. de Castro Alves

43 Poesias
Tobias Pinheiro

41 Leitura de um Poema de Raimundo Correia
José Reis Peresim

12 O Centenário de Gilberto Freire



REVISTA PRESENÇA

Órgão do Conselho Estadual de Cultura
e da Fundação Estadual de Cultura e
do Desenvolvimento do Piauí

Rua Coelho Rodrigues 1014/Centro
Tel.: 086 221 7728/Fax: 2221857/CEP: 64.000-080
ANO XIV - 27 - Teresina/2000

GOVERNADOR DO ESTADO
Francisco de Assis de Moraes Souza

PRESIDENTE DO CONSELHO
ESTADUAL DE CULTURA
Mamede Paulo Nunes

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO ESTADUAL DE
CULTURA E DO DESENVOLVIMENTO DO PIAUÍ
Maria de Lourdes Carvalho Rufino

CONSELHO EDITORIAL
Francisco Mario Soares Miranda
José Elias Martins de Aráujo Lopes
Raimundo Nonato Monteiro de Santana

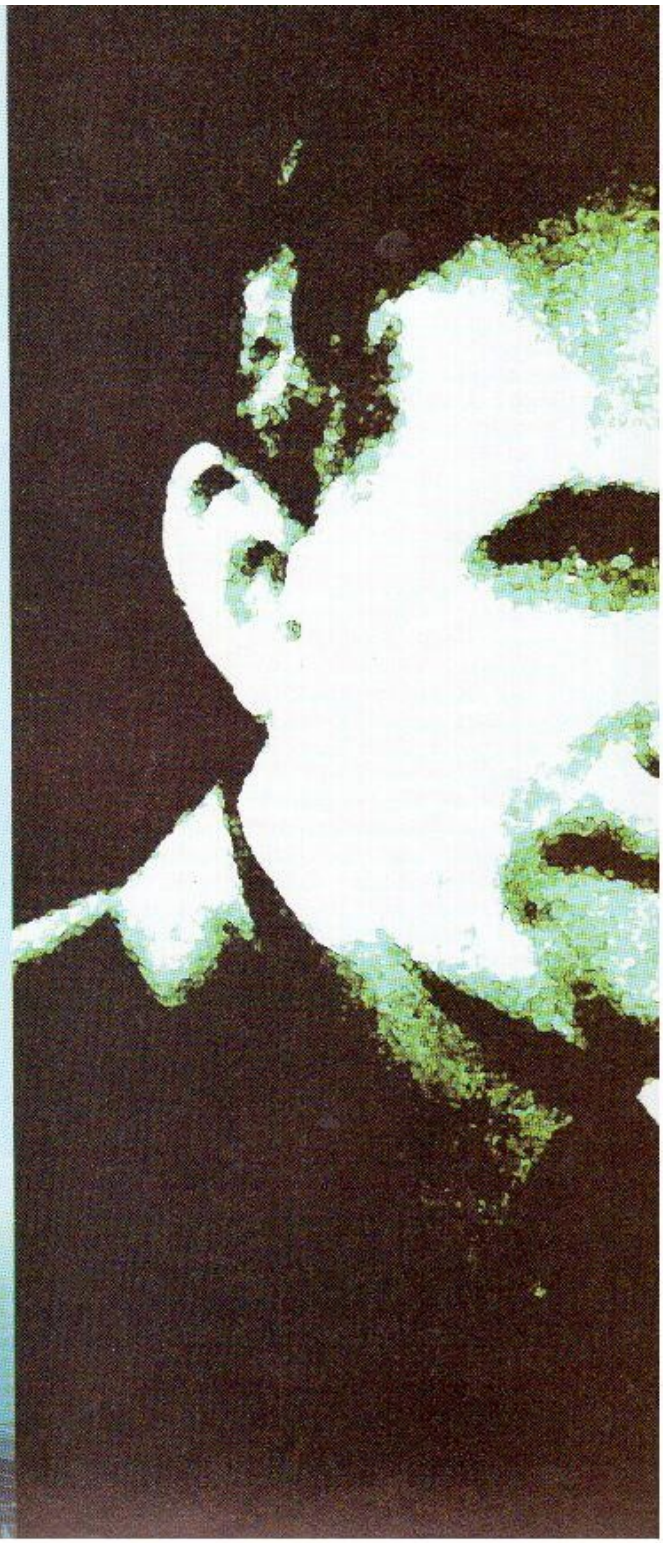
SECRETÁRIA
Ana Maria dos Santos

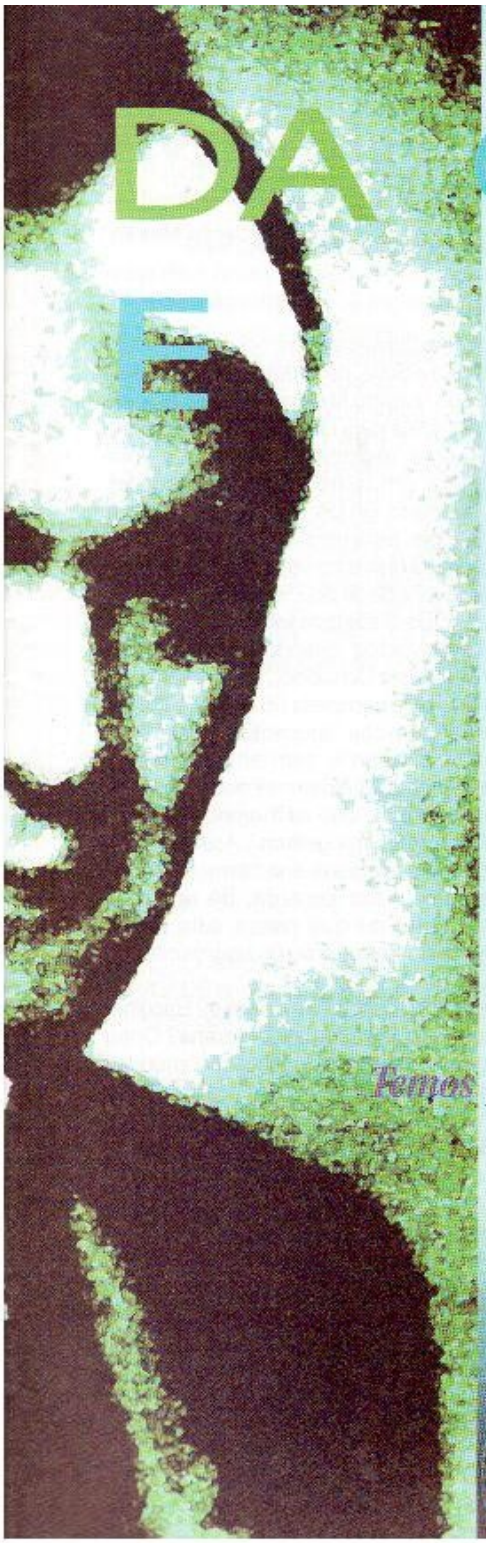
PLANEJAMENTO GRÁFICO
DA REVISTA PRESENÇA
Avante Global Comunicação

DIREÇÃO DE ARTE
COMPUTAÇÃO GRÁFICA
Marcelo Dias de Albuquerque

DIAGRAMAÇÃO
Claudio Simone de Oliveira Andrade
(estudo em diagramação em descanso)

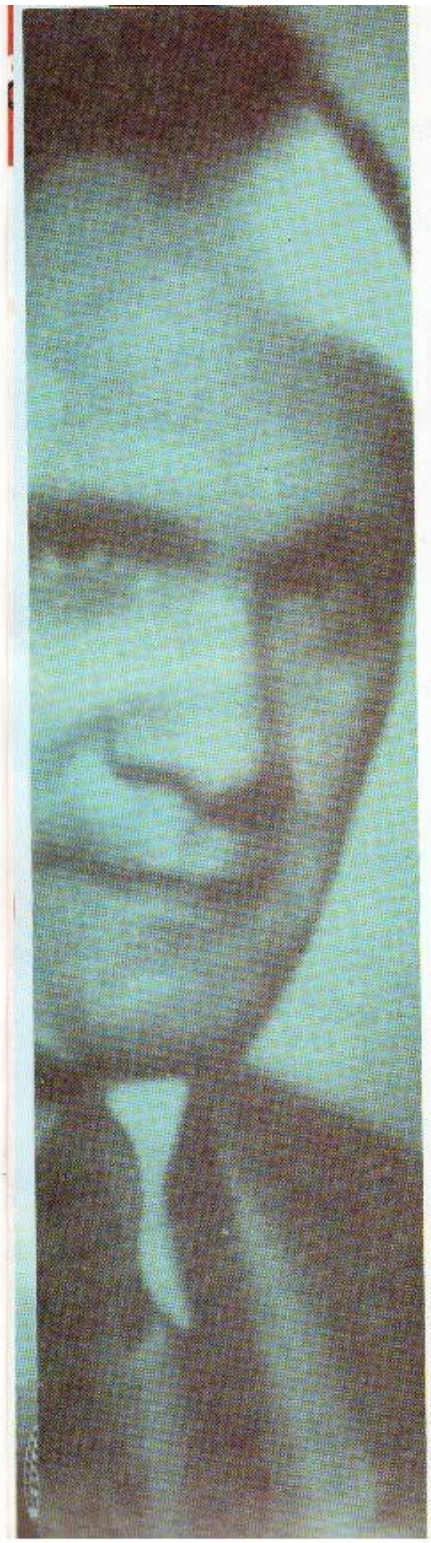
FOTÓGRAFAS
Alex Gonçalo
Chicaque Silva
Dina Figueiredo
EGV
Fabio Cimelton
Kleyton Moreno





DA COSTA E SILVA

Temos para vencer o azul de imensidades
Duas asas de luz
- a esperança e a saudade



DA COSTA E SILVA

*Maria Cecília Mendes**

Antes de iniciar minha conversa sobre nosso vate maior – Antônio Francisco da Costa e Silva, peço desculpas ao ilustre auditório pela insensatez do querido Mestre M. Paulo Nunes. Após ouvir-me falar sobre o poeta para crianças de uma Escola Municipal que leva seu nome, me disse: - Quero que você faça esta mesma palestra em outro lugar. Concordei, imaginando tratar-se de outro grupo de estudantes. E concordei por obediência, pois, para mim, ele continua sendo meu professor do Liceu, meu Mestre na velha FAFI, de antes da criação da Universidade Federal do Piauí. E eu sou do tempo em que aluno respeitava e acatava todas as ordens do professor. Fiquei, porém, apavorada, quando dias depois, ele me disse que eu iria falar aqui neste Conselho, numa solenidade de homenagem àquele que hoje completa 50 anos de morto. Afastada das atividades acadêmicas, aposentada mesmo do Ensino de Literatura há bem trinta anos, sem tempo suficiente para compulsar toda a bibliografia existente sobre o autor, compreendi que aceitara entrar no que os meninos daquela escola chamariam de *"uma fria, uma gelada"*. Assim, tenho mais outro motivo para pedir desculpas aos caros ouvintes: meu despreparo para missão tão elevada, de tamanha responsabilidade. Estou certa de que nessa sala temos oradores mais capacitados ao tratamento do honroso tema: Da Costa e Silva.

Qual a melhor forma de abordagem a adotar? Escolher uma dentre as várias metodologias de análise literária? Optar pelos rigorosos cânones que a pesquisa científica recomenda? Ou fazer a minha leitura, a leitura afetiva que a vida e a obra do poeta me sugerem? Um dilema fácil de resolver. Como sou uma professora inativa, decidi usar da liberdade da leitora comum, mas apreciadora apaixonada pelos versos de Da Costa e Silva. Que os senhores me perdoem, mas aqui vai valer o que o coração me mandou dizer.

Vejo o Homem Da Costa e Silva como uma estátua, modelada na argila do morro do Pontal de Amarante, molhada com as águas dos rios Parnaíba, Mulato e Canindé, queimada ao sol – "o ouro ideal que fulgura no céu, de brilho imortal" – e depois resfriada pelos ventos que "passam pelos caminhos, levando as folhas, levando os ninhos, no dorso alado dos vendavais". Mas uma **estátua viva** que contemplava:

"Céus azuis, vastos, largos e profundos,
cheios de luz e cheios de mistérios
na transparência ideal do azul sidéreo
sustendo a força cósmica dos mundos"

Usei seus versos porque é impossível dizer dele, desligado de sua terra. Assim como é impossível falar de sua poesia ignorando o telurismo de que é impregnada.

A paisagem, os costumes, o povo de sua terra marcaram indelevelmente a obra de Da Costa e Silva. Seu filho Alberto disse que predominam em sua temática, "entrelaçados e isolados: o sentimento do amor materno, o afago à terra natal, no exílio e à distância e a identificação do poeta com o Rio Parnaíba".

Em seu primeiro livro, intitulado **SANGUE**, escrito quando estudava Direito em Recife, publicado em 1908, encontramos dois belos sonetos que falam do Parnaíba. Do primeiro – **Rio das Garças** – vale a pena citar os 2 tercetos:

"Alvas garças a piar, arrepiadas de frio,
seguem de absorto olhar a vítrea correnteza.
Pendem nuvens em flor sobre o espelho do rio...
É o Parnaíba, assim carpindo as suas mágoas
– Rio da minha terra, ungido de tristeza,
Refletindo o meu ser à flor móvel das águas."

O segundo soneto é o antológico SAUDADE em que encontramos os sentimentos entrelaçados de que falou o filho.

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor da minha terra... O rio
Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de junho... O caburé com frio,
Ao luar, sobre o arvoredo, piando, piando...
E ao vento as folhas lívidas cantando
A saudade imortal de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do Pensamento!
Gemidos vãos de canaviais ao vento...
As mortalhas de névoa sobre a serra...
Saudade! O Parnaíba – velho monge
As barbas brancas alongando... E, ao longe,
O mugido dos bois da minha terra...

Deste soneto disse com muito acerto Agripino Grieco: "Falou por centenas de corações, por todos nós, quando escreve "SAUDADE", benfeitor de todos nós". Da Costa e Silva reforça de forma sintética o sentimento com esta quadra "SAUDADE" do livro **PANDORA.**

Saudade! és a ressonância
De uma cantiga sentida,
Que, embalando a nossa infância,
Nos segue por toda a vida!

No soneto "Saudade", observem a adequação do uso das reticências e a escolha de expressões que sugerem e reforçam o sentimento de tristeza: soluçando, folhas lívidas, gemidos, mortalhas. A presença de metáforas como a "Asa de Dor do Pensamento" que define a saudade, o "velho monge de barbas brancas" simbolizando o rio, "as mortalhas de névoa" sobre a serra.

No soneto nº1 de "Mater", o rio já é formado pelas lágrimas de mãe. Vejam:

De lágrimas de mãe formou-se um rio..
Lenda que todo mundo desconhece,
Mas existe no sonho que enternece
A alma de um ser excêntrico e sombrio.

E o poeta se identificando com o rio em "Sou como um Rio Misterioso" – do livro **Verônica**.

Sou como um rio que, de tanto
Refletir sombras, se tornou sombrio...
Rio de dor, rio de pranto,
Ninguém sabe o mistério deste rio.
Rio de dor, rio de mágoas,
Ocultando as imagens que refletes,
Rolam em meu ser as tuas águas,
Sob a treva e o silêncio, com o Letes...

Em **Pandora**, outra identificação com o rio.

Eu sou tal qual o Parnaíba: existe
Dentro em meu ser uma tristeza inata,
Igual, talvez, à que no rio assiste
Ao refletir as árvores, na mata...

O seu destino em retratar consiste;
Porém o rio tudo o que retrata,
De alegre que era, vai tornando triste
No fluido espelho móvel de ouro e prata...

Parece até que o rio tem saudade
Como eu, que também sou desta maneira,
Saudoso e triste em plena mocidade.

Dá-se em mim o fenômeno sombrio
Da refração das árvores da beira
Na superfície trêmula do rio...

Sou como um ri

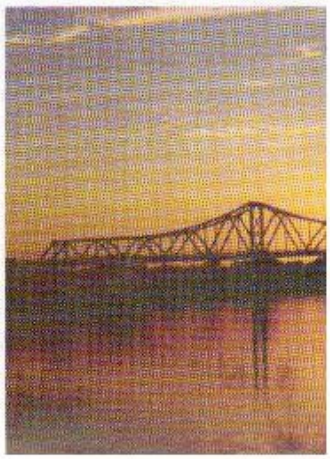
Curiosa é a predileção pela palavra Asa: "Asa de dor do pensamento" em "Saudade". Em *"De Profundis"* – Asa do Eco.

Dlon... Sinos a dobrar... Vibram no Azul Sidéreo
Os dobres da Saudade, Asa do Eco, hino estranho,
Santos óleos do Som a ungir tudo num banho...
E a zagala a seguir deste ao outro hemisfério.

E em "Onde sonhas para sempre", do livro **Verônica,** as asas representam a ânsia de liberdade, de vôo da busca inútil da que morrera, sua mulher Alice.

E em outro poema:

"Temos para vencer o azul de imensidades
Duas asas de luz – a esperança e a saudade".



A figura de Da Costa reflete a miscigenação de que nós brasileiros resultamos: moreno, traços grosseiros, a feiúra que o fez recusado pela carreira diplomática, em tempos de muito preconceito.

Na verdade era o poeta descendente de uma maranhense de São Francisco – Veneranda Angélica de Santana de Oliveira e Silva e um oeirense Rodolfo Hermógenes da Costa e Silva e tinha entre os ascendentes, o avô paterno – José Antônio da Costa e Silva – um imigrante português que se estabelecera em Caxias do Maranhão.

Da Costa e Silva deixa transparecer certo orgulho com este fato em dois "Sonetos Heráldicos", incluídos em **Documentos**, na 2ª edição de **Poesias Completas.**

Nasceu em 23/nov/1885 na rua das Flores.

Iniciou estudos em sua cidade natal – Amarante – lá desenvolvendo outras formas de expressão como o Desenho e a Escultura. Menino, fazia imagens que vendia e com a renda podia rodar nos cavalinhos de madeira do carrossel do parque de sua cidade, mais vezes do que os outros meninos. Relata isto em "O Carrossel Fantasma" do livro **Alhambra**. Este, aliás, um poema de caracteres modernistas, feito com versos brancos.

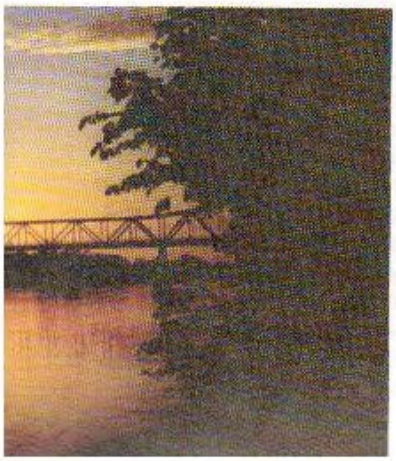
que, de tanto refletir sombras, se tornou sombrio...

Ganhei o dia a meditar na minha vida,
porque a saudade me levou à longínqua Amarante
que cisma, talvez por mim, debruçada sobre as águas
lentas e sonolentas do Parnaíba
a rolar para o mar como eu para o mistério...
Então, num sonho de criança convalescente,
vem-me à memória o carrossel que fascinava,
no seu giro constante, os meninos de minha idade:
Cesário, Luís, Holanda... meus irmãos Nica e Joca,
na vertigem do carrossel arrebatados tão cedo!

Tal qual o largo da matriz em noites de novena,
meu pensamento se ilumina de uma luz ardente e doce
como a dos balõezinhos pendentes dos arcos verdes,
festonados de folhagens e frementes de bandeirolas...
E vejo, com os olhos de hoje, ao fundo do largo em festa,
O mesmo carrossel ruidoso da minha ruidosa infância,
rodando... rodando... rodando continuadamente...

Eu fui o mais feliz dos meninos do meu tempo:
gastava todas as moedas das imagens que fazia
(já tinha o dom divino de um criador de imagens)
a dar voltas e voltas nos cavalos de madeira,
que galopavam automaticamente, feito cavalos árabes...
Era arrogante e destemido que nem os vaqueiros da minha terra,
quando galgava o lombo de um desses pégasos sem asas,
mas nem por sombra imaginava o meu destino de poeta...

O carrossel parou no largo... mas não parou na vida...
Continua em meu sonho, rodando... rodando sempre...
E andando e desandando num ritmo contraditório
ainda me dá a alegria inevitável de dar voltas...
de girar, de rolar como os astros no espaço,
de elevar-me a um destino superior ao do planeta,
que em torno da sua órbita, como um símbolo, roda...
- Upa! upa! meu pensamento!



Parece ter tido infância feliz ao lado de 8 irmãos, vivendo entre a casa de Amarante e a fazenda do pai, na zona rural.

Ainda lá, aos 16 anos, iniciou sua carreira poética, produzindo seus primeiros versos.

Veio para Teresina, estudou no Liceu Piauiense e contribuiu para a imprensa local.

Foi estudar Direito em Recife, onde, em 1908, lançou **SANGUE**. Em Recife deixou grandes amigos como Augusto, Mário e Abelardo Rodrigues e colegas de turma como Assis Chateaubriand e o piauiense Christino Castello Branco.

Tendo feito concurso e se tornado funcionário do Ministério da Fazenda, trabalhou em muitas capitais: Belo Horizonte (onde conheceu sua primeira mulher – Alice) – São Luís – Manaus – Porto Alegre – São Paulo e Rio de Janeiro. Já doente, morou uma temporada em Fortaleza.

Com exceção da primeira obra – **Sangue** – lançado em Recife, em 1908, todas as demais foram publicadas no Rio de Janeiro: **Zodíaco** e **Verhaeren**, em 1917; **Pandora**, em 1918; **Verônica**, em 1927; **Antologia Poética**, em 1934 e **Poesias Completas**, 1950. o fato de ter publicado a 1ª edição de suas obras fora do Piauí e de ter participado da vida literária e jornalística das cidades onde viveu, fê-lo conhecido e merecedor de comentários críticos de muitos escritores, críticos literários e jornalistas famosos. Com **Zodíaco** que o Prof. Paulo Nunes, considera marcadamente parnasiano, após o livro simbolista **Sangue** – foi premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Dentre os que escreveram sobre o poeta e sua obra, a maioria em vida, estão renomados jornalistas e escritores como: Pereira da Silva, Agripino Grieco, Tristão de Athayde, Augusto Frederico Schimidt, Herberto Sales, Olegário Mariano, Fausto Cunha, Péricles Eugênio de Silva, Deolindo Couto, Antônio Carlos Villaça, Assis Brasil, Josué Montello, João Emílio Falcão Costa Filho. Entre nós: Paulo Nunes, Socorro Neiva, Socorro Magalhães e outros. Merecem louvores os que se empenharam em reeditá-lo como o Prof. Cineas Santos e os docentes de Letras da UFPI.

Em Teresina foi protagonista da primeira polêmica literária com Benedito Pestana. Foram recuperados, segundo relato da Profª. Socorro Magalhães, 4 textos de Da Costa e Silva que escreveu sob o título de **A Queima das Últimas Pestanas** e duas de B. Pestana, sob o título **Carta Aberta**.

Os temas aqui apresentados nos lembram que o poeta encarnou a Piauiensidade. Porém outros motivos moveram sua pena. Os poemas de **Verônica** refletem a saudade pela morte de Alice, sua 1ª mulher, a quem por carta remetia poemas, desde o noivado.

Em **Pandora**, os temas da mitologia grega.

Em **Verhaeren**, o louvor da terra e do poeta belga até reflete as ligações do Autor com sua terra:

"A terra não se extinguiu, não está morta pois evocada nos teus cantos se transporta ao firmamento emocional de nossas obras".

Aqui e ali, nos diversos livros, há questionamento filosófico, que encontramos em **Nau Errante** e as reflexões sobre a Ilusão, sobre a Esperança e o Sentido da Vida.

Dentre todos os temas **um** me surpreende pela atualidade. Nos poemas de **Zodíaco**, a grande celebração da natureza, a expressão indignada do ambientalista contra a depredação praticada pelo Homem. Sobre isto bem disse Vieira da Cunha – "Da Costa e Silva mostra a natureza transformada em sentimento". E Christino Castello Branco completa com o "cachoeirar perene de luz, som, cor, beleza e amor".

Em **Zodíaco** temos os Hinos ao Sol, ao Mar, à Terra, em poemas-figuras em forma de losango; o louvor das 4 estações, das horas e das árvores; as sugestões da luz com sol, no mar e na Floresta; o luar nas montanhas e no mar; os movimentos da ventania, da névoa, da chuva, do redemoinho, da enchente; a denúncia da Queimada e da Derrubada, e, para mim, o ponto máximo, apesar do rigor descritivo que lembra a estética Parnasiana, eu que prefiro o Simbolismo, os poemas da **Fauna** e sobre **Amarante**, com a sonoridade típica do Simbolismo. Estes poemas que atestam o sincretismo do poeta em cujo estilo, segundo

Christino Castello Branco, se interpenetram heranças românticas, parnasianas e simbolistas.

Eu tomo a liberdade de pinçar e ler os sinfônicos sonetos "O Sapo" e "A Moenda". Aqui, o auge da musicalidade, através das aliterações e freqüentes onomatopéias. E mais, o colorido, o ritmo bem marcado, o domínio da técnica do verso.

Feio e fátuo a fingir de grande, gordo e guapo;
Hediondo e humilde a inchar de empáfia e ocioso orgulho,
Viscoso de vaidade, entronado no entulho,
Cisma na solidão, sorna e soturno, o sapo.

Os bugalhos em brasa, a palpitar o papo,
Acocorado, absorto, ao mínimo barulho
Que o sossego lhe suste, em súbito mergulho
Se atasca no atascal: e ei-lo escondido e escapo.

Patriarca do paul, pelo pântano parco
De água, a arfar e a imergir no lodo liso e imundo,
O batráquio bubaia, o corpo curvo em arco...

E sobe à superfície o rei das rãs, rotundo,
Glabro e inchado, a coaxar no lamaçal do charco,
Como o ser mais soberbo e singular do mundo.

Na remansosa paz da rústica fazenda,
À luz quente do sol e à fria luz do luar,
Vive, como a expiar uma culpa tremenda,
O engenho de madeira a gemer e a chorar.

Ringe e range, rouquenha, a rígida moenda;
E, ringindo e rangendo, a cana a triturar,
Parece que tem alma, adivinha e desvenda
A ruína, a dor, o mal que vai, talvez, causar...

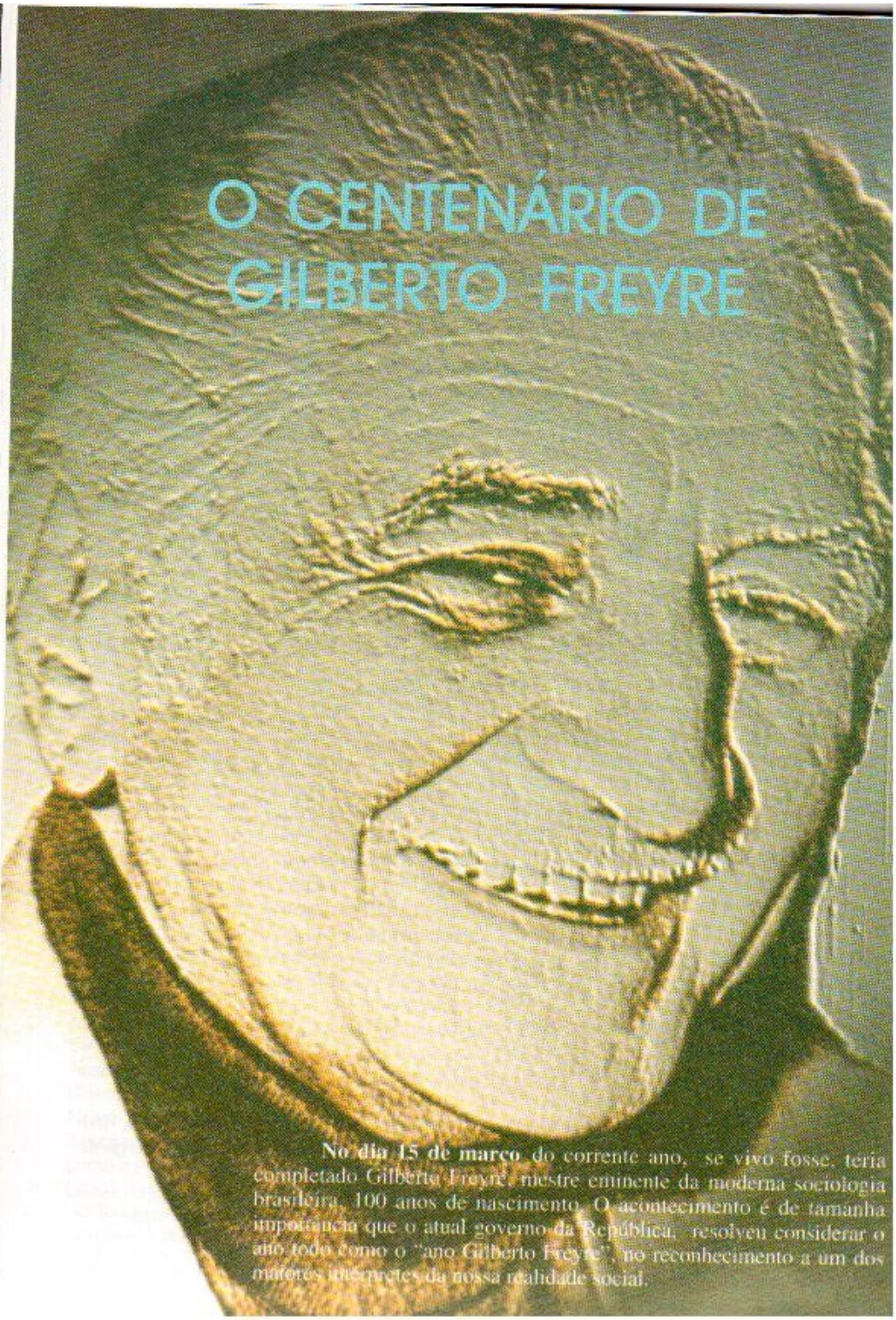
Movida pelos bois tardos e sonolentos
Geme, como a exprimir, em doridos lamentos,
Que as desgraças por vir, sabe-as todas de cor.

Ai! dos teus tristes ais! Ai! moenda arrependida!
- Álcool! para esquecer os tormentos da vida
E cavar, sabe Deus, um tormento maior!

É realmente uma pena que a doença nervosa o tenha afastado tão cedo da criação literária. Por mais de dez anos viveu numa triste e constante mudez até que o enfarte o arrebatou dos braços familiares de Creuza, a 2ª mulher, e de Alberto, Alice e Elizabeth, filhos do 2º matrimônio, em 29 de junho de 1950.

Eis minha homenagem ao poeta: relê-lo e relembrá-lo a este público paciente e gentil. Obrigada pela atenção.

Palestra proferida em sessão especial do Conselho Estadual de Cultura, em Teresina, 29/6/2000, comemorativa da morte do poeta



O CENTENÁRIO DE GILBERTO FREYRE

No dia 15 de março do corrente ano, se vivo fosse, teria completado Gilberto Freyre, mestre eminente da moderna sociologia brasileira, 100 anos de nascimento. O acontecimento é de tamanha importância que o atual governo da República, resolveu considerar o ano todo como o "ano Gilberto Freyre", no reconhecimento a um dos maiores intérpretes da nossa realidade social.

Gilberto de Mello Freyre, pernambucano do Recife, filho de Alfredo Freyre e Francisca Teixeira de Mello Freyre, Dona Francisquinha, fez seus estudos primários e secundários no Colégio Americano daquela cidade, dirigido por pastores protestantes, não obstante a formação católica de sua família. Teve como paraninfo a figura ilustre do historiador Manuel de Oliveira Lima, diplomata já aposentado àquela altura, mas ainda ativo no serviço das letras. Gilberto foi o orador de sua turma. Sua formação acadêmica, ao contrário do que ocorrera com todo estudante brasileiro oriundo das classes abastadas, que normalmente se orientava para o direito ou a medicina e, excepcionalmente, para a engenharia, fez-se nas universidades americanas de Baylor (Texas) e Columbia (Nova York), tendo na última delas apresentado a tese **Vida Social no Brasil em meados do Século XIX** (Social Life in Brazil in the middle of the 19th cennury) em 1922, de que resultaria, 11 anos depois, seu celebrado livro **Casa Grande & Senzala.**

A obra inaugural de Gilberto Freyre representa verdadeira revolução no pensamento sociológico do país, porquanto com ela são aposentados velhos conceitos etnocêntricos que dominavam o ideário científico brasileiro a que não escaparam sequer os luminares de nosso pensamento social, como Euclides da Cunha, com **Os Sertões**, obra fundamental do pensamento brasileiro, ou Oliveira Viana, com **Populações Meridionais do Brasil** e **Raça e Assimilação**.

No início dessa obra emblemática, cita G.F. um episódio que o impressionou fortemente e consistiu na visão que teve, após três anos de ausência do país, de um bando de marinheiros brasileiros, - mulatos e cafusos, descendo as escadas de um navio brasileiro pela neve mole de Brooklyn, e lhe deram a impressão de caricaturas de homens..."A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, acrescenta, como em 1929 Roquette Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafusos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafusos e mulatos doentes". (**Casa Grande & Senzala**, 5ª edição. Liv. José Olympio Editora, 1946, pp. 17-18).

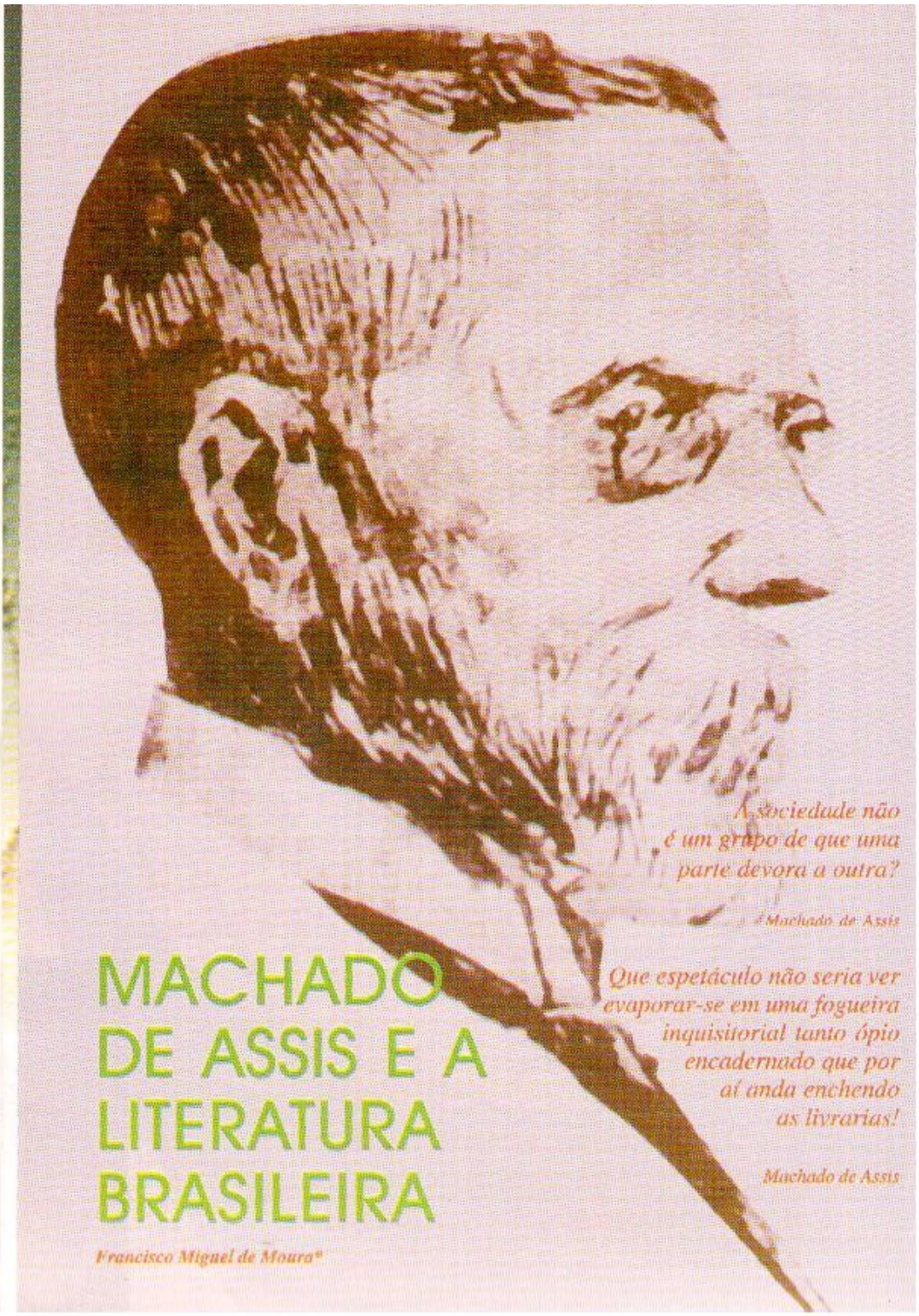
Não eram eles assim representantes de uma raça inferior, como durante muito tempo se pensou, e ainda hoje se pensa em algumas camadas sociais, em relação à nossa população resultante do cruzamento racial. Eram sim, como em grande parte ainda o são hoje em dia, pessoas culturalmente atrasadas, doentes e desassistidas pelo poder público, omisso e ineficaz. E não é a raça que leva a esse estado e sim as condições de vida que são cruelmente impostas a uma população desamparada dos meios essenciais de sobrevivência.

O problema não é assim puramente racial. O problema é simplesmente cultural. E foi Gilberto Freyre, com essa obra revolucionária, matriz de outras obras fundamentais, que viriam em sua esteira - **Sobrados & Mocambos** e **Ordem e Progresso**, em que estuda a formação da família brasileira, sob o regime da família patriarcal, como ele próprio reivindica no citado prefácio, o primeiro autor a considerar fundamental entre nós a diferença profunda entre raça e cultura. A discriminar entre os efeitos de relação puramente genéticos e os de influências sociais, de herança cultural e de meio.

Na seleção dos prefácios à 28 edição dessa obra (Editora Record, 1992) ali se destaca "... Não faz senão um trimestre que estudantes da Sorbonne, inscritos num dos cursos do Professor Fernand Braudel - mestre francês de renome mundial - ouviram referências nada comuns da parte de um catedrático do Colégio de França a intelectual estrangeiro ainda vivo; e este, o autor de **Casa Grande & Senzala**, obra considerada pelo Professor Braudel, já clássica, ao mesmo tempo que moderníssima, além de pioneira. Enquanto isto, em recentíssima obra de caráter monumental, **Le Portugal et l' Atlantique au XVII Siécle, Étude Économique**, Frédéric Mauro, pretendendo ser ainda necessário um estudo exaustivo do assunto - estudo que só será possível de ser realizado a longo prazo, isto é, durante longos anos - destaca o que há, para ele, de germinal, no livro pioneiro já escrito por brasileiro e que classifica com extrema generosidade com o mais alto dos qualificativos: "genial".(Ob. cit. p. XLII)

Não referiremos aqui, por enquanto, os mais de oitenta títulos do autor, entre livros e opúsculos, alguns deles em várias línguas e em mais de um volume.

O Conselho Estadual de Cultura programou para este mês de novembro um seminário sobre a vida e a obra do mestre de Apipucos,idéia a que em boa hora se associaram a Fundação Estadual de Cultura e do Desporto do Piauí e a Academia Piauiense de Letras, numa justificada homenagem a uma das figuras mais representativas da cultura brasileira. (*MPN*)



A sociedade não é um grupo de que uma parte devora a outra?

Machado de Assis

Que espetáculo não seria ver evaporar-se em uma fogueira inquisitorial tanto ópio encadernado que por aí anda enchendo as livrarias!

Machado de Assis

MACHADO DE ASSIS E A LITERATURA BRASILEIRA

*Francisco Miguel de Moura**

A literatura brasileira no século passado foi rica, riquíssima. Duas grandes correntes, duas grandes escolas: o Romantismo e o Realismo/ Naturalismo. Na poesia: o mesmo Romantismo, mais o Parnasianismo e o Simbolismo.

Nosso romance começa praticamente com José de Alencar. Os dois (Machado e Alencar) viveram a mesma época. Quando saiu "Iracema", Machado de Assis faria sobre José de Alencar e especialmente sobre seu livro mencionado, entre outros elogios, o seguinte: *"O Brasil tem o direito de pedir-lhe que 'Iracema' não seja o ponto final. Espera-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance; o futuro chamar-lhe-á obra prima."*

Autores como Euclides da Cunha, Raul Pompéia e Visconde de Taunay são excelentes no estilo e demonstraram muita capacidade criativa. Poderíamos citar outros. Mas passemo-nos à poesia, onde há profusão de nomes e obras que nos encantam e nos seduzem ainda hoje. Gonçalves Dias e Castro Alves, Alvares de Azevedo e Fagundes Varela, os românticos; Olavo Bilac, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho, parnasianos; e inúmeros simbolistas, entre os quais Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens continuam sendo os mais lidos, citados e editados, além do poeta singular que foi Augusto dos Anjos.

Diferentemente de José de Alencar, Machado de Assis abarca os períodos romântico e o realista. É um caso raro de polígrafo, em nossa literatura, que se saiu bem. Como prosador, ocupa posição ímpar, pelo gênio, pela criatividade, pela persistência.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, no dia 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1908, depois de publicar uma obra imensa, além do material literário que deixou esparso em jornais e revistas.

Começou com o jornalismo, publicando artigos, contos e crônicas que eram lidos e comentados na Capital da República. Aliás, a crônica como se faz no Brasil, é uma invenção de Machado de Assis, no Império, aperfeiçoada neste século por Cecília Meireles, Rubem Braga, Raquel de Queiroz, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sábino, Luís Fernando Veríssimo e tantos outros.

As primeiras obras de Machado foram para o teatro, onde nem sempre mostrou o seu gênio. Depois passaria a publicar poesia, conto e romance, conforme veremos da cronologia de sua obra, a seguir:

I - FASE ROMÂNTICA:

Queda que as mulheres têm pelos tolos, *1861, teatro;*
Desencantos, *teatro, 1861;*
Teatro, *1863;*
Quase ministro, *teatro, 1864;*
Crisálidas, *poesia, 1864;*
Os deuses de casaca, *teatro, 1866;*
Falenas, *poesia, 1869 ;*
Contos fluminenses, *contos, 1869;*
Histórias da meia-noite, *contos, 1873;*
Ressurreição, *romance, 1872;*
A mão e a luva, *romance, 1874;*
Americanas, *poesia, 1875;*
Helena, *romance, 1876;*
Iaiá Garcia, *romance, 1878;*

II - FASE REALISTA:

Memórias póstumas de Brás Cubas, *romance, 1881;*
Papéis avulsos, *contos, 1882;*
Tu, só tu, puro amor, *teatro, 1882;*
Histórias sem data, *contos, 1884;*
Quincas Borba, *romance, 1891;*
Várias histórias, *contos, 1896;*
Páginas recolhidas, *contos, 1899;*
Dom Casmurro, *romance, 1899;*
Poesias completas *(incluindo* ***Ocidentais****), 1901;*

***Esaú e Jacó**, romance, 1904 (ano em que faleceu Carolina);*
***Relíquias de casa velha**, contos, 1906 (livro que abre com o soneto 'A Carolina');*
***Memorial de Aires**, romance, 1908.*

Montaigne já dizia que o gênio é uma longa paciência. Machado de Assis reuniu as duas coisas: o gênio e a paciência. Se bem que de origem humilde, família pobre, despossuída, conseguiu ter mais ou menos boa criação, pois mesmo ficando órfão teve uma madrasta que lhe dava todo o carinho a seu alcance.

Filho de mulato brasileiro, o pintor de paredes Francisco José de Assis, e de portuguesa dos Açores (Ilha de São Miguel), Maria Leopoldina Machado, o menino não pôde realizar estudos regulares, apenas freqüentou umas poucas aulas do curso primário. Cedo perdeu a mãe e uma irmã, sendo aquela substituída pela madrasta, Maria Inês, lavadeira e doceira, cujas balas e confeites o menino se encarregaria de vender à porta dos colégios.

Logo a seguir é chamado pelo vigário da Igreja da Lampadosa para servir de sacristão, com quem aprende os primeiros elementos da língua latina.

Esta é mais ou menos a trajetória do menino pobre Joaquim Maria, nos anos 40 do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro.

Aos 25 anos publica seu primeiro livro de poesia, não tão precocemente para a época, ao qual dá o nome de **Crisálidas.**

Três anos depois, em 1867, conhece D. Carolina Augusta Xavier de Novaes (irmã do poeta português Faustino Xavier de Novais), com quem se casaria a 12 de novembro de 1869. Carolina será não apenas sua companheira, mas ajudante e conselheira em questões de gramática nas revisões dos inúmeros trabalhos do escritor. Machado lhe sobrevive por poucos anos e faz-lhe um dos sonetos mais belos e sentidos da língua portuguesa, recitado à beira do túmulo.

Dito, assim, em poucas palavras, parece-nos que esse namoro e o casamento foram tranqüilos. Não, não foram. Ele teve que lutar contra os preconceitos de cor e de pobreza por parte da família de Carolina, que a princípio se opusera fortemente à união. O amor e a persistência de Machado venceram.

Como vimos, Machado de Assis foi um autêntico autodidata. Intelectualmente fez-se no jornal. Aos 16 anos, publica seu primeiro poema ("Ela"), na revista **Marmota Fluminense,** em 1855. Como tipógrafo, primeiro na Imprensa Nacional, depois na Tipografia Paula Brito, e agora como revisor de provas, começa seus contatos com os intelectuais e passa a freqüentar suas rodas, mas principalmente escreve colaborações, com assiduidade, e publica nos melhores jornais da Capital do Império: **Correio Mercantil, Diário do Rio de Janeiro, Semana Ilustrada, Jornal das Famílias, O Espelho.** Neste último é que se dá sua estréia como crítico literário ("O Presente, o Passado e o Futuro da Literatura"), aliás o segundo gênero que praticou e no qual foi, senão o primeiro, o melhor do século passado. Essas críticas só foram reunidas em livro depois de sua morte, por Mário de Alencar, em 1910.

Depois de ter sido diretor de publicações do Diário Oficial, Machado passou a exercer várias funções no Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas, entre as quais a de Oficial de Gabinete, de Diretor da Diretoria Geral do Comércio e de Diretor Geral da Viação. Portanto, quando não na imprensa, foi funcionário público toda a vida. Esta é a sina do escritor brasileiro: emprestar a maior parte do seu tempo ao funcionalismo ou a outra profissão, em detrimento da literatura, visto que são exceções os casos de escritores que sobreviveram, no Império ou na República, com o seu próprio ofício.

Aqui está um resumo da vida de Joaquim Maria Machado de Assis.

Não temos à mão a primeira obra de Machado de Assis e, no caso, nem é necessário, pois Machado não se notabilizou como teatrólogo, embora tenha escrito bastante. Mas queremos registrar uma de suas primeiras críticas jornalísticas à maneira de crônica, com o título "Queda que as mulheres têm para os tolos", cujo escrito, ao que parece, seria substrato para a peça teatral do mesmo nome. Observem-se na pequena mostra a dialética que desenvolve, os costumes que aponta, a psicologia que estuda:

> *"Em matéria de amor, deixa-se o homem de espírito embalar por estranhas ilusões. As mulheres são para eles entes de*

mais elevada natureza que a sua, ou pelo menos ele empresta-lhes as próprias idéias, supõe-lhes um coração como o seu, imagina-as capazes, como ele, de generosidade, nobreza e grandeza. Imagina que para agradar-lhes é preciso ter qualidades acima do vulgar. Naturalmente tímido, exagera mais ao pé delas a sua insuficiência; o sentimento de que lhe falta muito, torna-o desconfiado, indeciso, atormentado. Respeitoso até a timidez, não ousa exprimir o seu amor em palavras; exala-o por meio de uma não interrompida série de meigos cuidados, ternos respeitos e atenções delicadas. Como não quer à custa de uma indignidade, não se conserva continuamente ao pé daquela que ama, não a persegue, não a fatiga com a sua presença. Para interessá-la em suas mágoas, não toma ares sombrios e tristes; pelo contrário, esforça-se por ser sempre bom, afetuoso e alegre junto dela. Quando se retira da sua presença, é que mostra o que sofre, e derrama as suas lágrimas em segredo.

O tolo, porém, não tem desses escrúpulos. A intrépida opinião que ele tem de si próprio, o reveste de sangue frio e segurança.

Satisfeito de si, nada lhe paralisa a astúcia. Mostra a todos que ama, e solicita com instância provas de amor. Para fazer-se notar daquela que ama, importuna-a, acompanha-a nas ruas, vigia-a nas igrejas e espia a nos espetáculos. Arma-lhe laços grosseiros. À mesa, oferece-lhe uma fruta para comerem ambos, ou passa-lhe misteriosamente, com muito jeito, um bilhete de amores. Aperta-lhe a mão a dançar e saca-lhe o ramalhete de flores no fim do baile. Numa noite de partida, diz-lhe dez vezes ao ouvido: 'Como é bela!' porquanto revela-lhe o instinto, que pela adulação é que se alcançam as mulheres, bem como se as perde, tal como acontece com os reis. De resto, como nos tolos tudo é superficial e exterior, não é o amor um acontecimento que lhes mude a vida: continuam como antes a dissipá-la nos jogos, nos salões e nos passeios."

Nessa interpretação sobre o homem de espírito, o tolo e a mulher, certamente há muito do temperamento melancólico, tímido, desconfiado, casmurro, introspectivo do homem Machado de Assis. Essa é uma constatação em toda sua obra. A outra é que, por sofrer de epilepsia desde menino, dizem os especialistas, seu discurso tornou-se mais pausado, mais pontuado e mais cheio de desvios. Em compensação, Machado cria uma prosa pensada, filosófica, de uma filosofia cética e temperada com o humor dos ingleses, de quem recebeu forte influência.

Objetar-me-ão que insisto nos dados biográficos, sem atentar para o que dizem os mais moderninhos da crítica e da teoria literária. Biografia é enchimento de linguiça, nariz de cera e outros deboches: para conhecer-se um autor basta ler suas obras, limpa e secamente, e ponto final. Mas far-se-á uma crítica parcial, do ponto de vista lingüístico, complemento eu. A crítica mais segura precisa de mais, muito mais. Há uma certa corrente crítica, por outro lado, me quer infundir que cada autor escreve apenas um romance, que é o seu próprio romance - ou seja, biográfico. Todos os demais que venha a produzir são re escrita do primeiro. Claro que não devemos concordar com pensamento tão radical, embora no fundo ele detenha alguma verdade.

Evidentemente, confirmo que temos que ler a obra. É o começo de toda a crítica. Está implícito. E não somente ler, mas reler, tresler, interpretar, iniciando pelos melhores livros e terminando nas primeiras publicações, inclusive a estréia. E se tiver a sorte de encontrar inéditos, tanto melhor. Ficará, dessa forma, completamente equipado com os documentos de que necessita. Biografia é acessório, serve apenas como complemento, dirão os que querem ser mais realistas do que o rei. Eu lhes digo: Em matéria de crítica literária não há complementos. Todos os aspectos do autor, da obra, do seu tempo e do seu meio são necessários, assim como a cultura e capacidade criativa e de interpretação de quem se mete a criticar. É estranho que alguém leia apenas uma ou duas obras de um autor e se arvore em seu crítico. O que a pessoa em tal condição pode fazer é um comentário, uma crítica restrita a tal livro, sob um aspecto talvez. Como é que vamos conhecer um autor como Machado Assis lendo somente suas obras a partir de 1880? É assim que prega Décio Pignatari, in "Gazeta Mercantil", São Paulo, 19.2.2000:

"Quando falo de Machado de Assis, refiro-me ao escritor pós-1880. Antes era pouco mais que medíocre."

Não acreditemos nesses críticos apressadinhos. Eles certamente não leram a obra completa de Machado de Assis, nem a que eles chamam de boa. Quando muito leram dois ou três romances da última fase. Será que leram **Esaú e Jacó**, pelos menos, também da última fase? Duvido.

Li recentemente **Contos Fluminenses**, de 1869, e nele encontro o gênio do conto, da história curta, inigualável no mundo, especialmente "Miss Dólar", que abre o volume. Mesmo enquanto romântico, Machado de Assis foi um gênio da literatura encerrado neste cárcere que é a língua portuguesa. Não porque nossa língua seja feia, mas porque ainda não é cultivada nem proclamada aos quatro ventos, como já o diria Olavo Bilac. No conto, Machado de Assis se iguala, se é que não supera, aos três maiores da literatura universal: Tchekhov, Mansfield e Maupassant.

Creio que toda a obra de Machado de Assis é boa. A da última fase, pós-1880, chamada de fase realista, certamente é mais apurada. Devemos começar a lê-lo por ela? Depende de quem começa. Se a pessoa já está na fase adulta, dos 25, 30 anos em diante, tudo bem. Se ainda está na adolescência, não vejo por que rejeitar a obra romântica de Machado de Assis, seus poemas, seus contos, seus romances **Helena**, **Iaiá Garcia**, etc. Toda a obra de Machado de Assis, mesmo a que deixou nos jornais, é boa de ser lida e meditada. Sobretudo é bem escrita.

Quando freqüentei as aulas do Prof. Romano Galeffi, na Universidade Federal da Bahia, que era italiano de nascimento e emigrara já em idade madura, perguntei-lhe se não teria sido difícil aprender o português. Era casado com uma brasileira que sabia de cor e salteado e recitava para seus alunos partes da **Divina Comédia**, de Dante, em italiano. Ele, ao contrário, sabia o português muito bem e publicara até então quatro livros de filosofia.

Naturalmente ele respondeu que já possuía pequenos rudimentos de nossa língua, mas complementou:

- Foi fácil, comecei lendo Machado de Assis, e dentro de 15 dias eu já estava falando e escrevendo correntemente.

A esta altura, acho necessário e didático transcrever um trecho de Machado de Assis, tirado

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas.

de sua crítica literária e teatral, cujo livro foi organizado e publicado por Mário de Alencar, depois da morte do bruxo do Cosme Velho:

> *"Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem.. Não é raro ver intercalado em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da excessiva influência da língua francesa. Este ponto é objeto de divergência entre os nossos escritores. Divergência digo, porque, se alguns caem naqueles defeitos por ignorância ou preguiça, outros há que os adotam por princípio, ou antes por uma exageração de princípio.*
>
> *Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade. Mas, se isto é um fato incontestável, e se é verdadeiro o princípio que dele se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da língua, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão.*
>
> *Feitas as exceções devidas não se lêem muito os clássicos no Brasil. Entre as exceções poderia eu citar até alguns escritores cuja opinião é diversa da minha neste ponto, mas que sabem perfeitamente os clássicos. Em geral, porém, não se lêem, o que é um mal. Escrever como Azurara ou Fernão Mendes seria hoje um anacronismo insuportável. Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que à força de velhas se fazem novas, — não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos: com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.*
>
> *Outra coisa de que eu quisera persuadir a mocidade é que a precipitação não lhe afiança muita vida aos seus escritos. Há um prurido de escrever muito e depressa; tira-se disso glória, e não posso negar que é caminho de aplausos. Há intenção de igualar as criações do espírito com as da matéria, como se elas não fossem neste caso inconciliáveis. Faça muito embora um homem a volta ao mundo em 80 dias; para uma obra-prima do espírito são precisos alguns mais.*

O autor e seu tempo são imprescindíveis para a realização de uma crítica expressionista, que eu acredito seja a melhor e a mais atualizada. Quanto mais leio Machado mais disto me convenço. É preciso saber onde o autor viveu e como era sua época. Machado viveu no Rio de Janeiro, seus anos de formação, do Segundo Império, no final do século XIX, quando a Abolição se efetuava, quando a República virou o país de cabeça para baixo (ou para cima), quando começavam abrir as primeiras estradas de ferro, quando enfim a Europa tomava conhecimento do Brasil, especialmente a França e a Inglaterra. A vida social da Capital do Império, depois República, se dinamizava com cores novas, com gente nova, com moda, teatro e artistas, quando surgiu o cinema e a luz elétrica, quando a literatura virou moda e, assim, recitavam-se nos saraus e nos cafés, abriam-se livrarias, fundavam-se sociedades literárias, entre as quais cite-se a Academia Brasileira de Letras, em 1896, da qual Machado foi um dos fundadores e o seu primeiro presidente.

Só depois de tudo isto é que poderemos afirmar que Castro Aves foi o nosso maior poeta e Machado de Assis, o maior escritor do século XIX.

Agora, com relação a ser também ele, Machado de Assis, o maior escritor do século XX, de duas uma: – ou houve um pouco de exagero na avaliação de Machado de Assis em relação aos demais escritores do século XX (Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Nelson Rodrigues, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Guimarães Rosa, Osman Lins, Clarice Lispector, prosadores, e poetas como Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes,